

Por Anderson Farias (*)



Na saúde suplementar, a capacidade de analisar dados passou a ser tão importante quanto a estrutura para prestar assistência. Segundo dados da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), o setor registrou receitas de R\$ 101 bilhões apenas no primeiro trimestre de 2026. Administrar uma operação dessa magnitude exige habilidade para processar e interpretar grandes volumes de informações, tornando o uso de tecnologias analíticas cada vez mais estratégico para as operadoras.

Frequentemente associado a conceitos complexos de inteligência artificial, o machine learning possui uma aplicação bastante prática. Trata-se de uma tecnologia capaz de aprender a partir de grandes volumes de dados, identificando padrões, tendências e comportamentos sem a

necessidade de programar previamente cada situação. Na prática, permite transformar informações dispersas em conhecimento que sustenta decisões mais rápidas, precisas e estratégicas.

Esse potencial ganha ainda mais relevância diante dos desafios econômicos do setor. Dados divulgados pela ANS mostram que a sinistralidade alcançou 81% no primeiro trimestre de 2026. Em outras palavras, cerca de R\$ 81 de cada R\$ 100 arrecadados pelas operadoras foram destinados ao pagamento de atendimentos, exames, tratamentos e demais despesas assistenciais. Diante da pressão constante sobre custos e crescente demanda por serviços de saúde, a utilização de ferramentas capazes de antecipar riscos e apoiar decisões é cada vez mais importante.

As operadoras lidam com dados relacionados à utilização dos planos de saúde, histórico assistencial, autorizações, faturamento, auditoria de contas, rede prestadora e perfil dos beneficiários. O enorme volume diário e a complexidade dessas informações dificultam ainda mais a dependência de análises manuais ou modelos tradicionais de gestão.

Ao utilizar inteligência artificial, as operadoras conseguem identificar correlações que muitas vezes passariam despercebidas em análises convencionais. O cruzamento de diferentes bases de dados permite compreender melhor os padrões de utilização dos serviços, acompanhar tendências assistenciais e apoiar decisões baseadas em evidências mais robustas.

Um dos impactos mais relevantes está na capacidade preditiva. Em vez de atuar somente após a ocorrência de determinados eventos, as operadoras passam a ter condições de antecipar cenários e agir preventivamente. Isso permite identificar grupos de maior risco, monitorar tendências de utilização e desenvolver estratégias mais assertivas de acompanhamento da carteira. O resultado é uma gestão mais eficiente dos recursos e uma operação com maior previsibilidade.

Outro ganho importante está relacionado à eficiência operacional. Processos que antes exigiam horas de análise podem ser executados em poucos minutos, com maior padronização e menor probabilidade de erro. Equipes que antes dedicavam grande parte do tempo a atividades operacionais passam a atuar de forma mais estratégica, concentrando esforços na interpretação dos resultados e na definição de ações que gerem valor para a operação e para os beneficiários.

A tecnologia também fortalece mecanismos de controle e monitoramento. Algoritmos são capazes de identificar comportamentos atípicos, inconsistências em processos e padrões que merecem atenção especial, contribuindo para uma gestão mais transparente e orientada por dados. Mais do que substituir a análise humana, a inteligência artificial amplia a capacidade de observação das equipes e oferece informações mais qualificadas para a tomada de decisão.

A relevância dessa discussão cresce à medida que aumenta a população atendida pela saúde suplementar. De acordo com a ANS, o Brasil conta atualmente com quase 53 milhões de beneficiários de planos médico-hospitalares. Garantir a sustentabilidade das operadoras significa, portanto, assegurar que milhões de pessoas continuem tendo acesso a uma assistência de qualidade em um sistema cada vez mais desafiador.

Portanto, investir nesse tema deixa de ser apenas uma iniciativa de inovação e passa a representar uma necessidade de gestão. Quanto maior a capacidade de compreender o comportamento da carteira, monitorar indicadores em tempo real e antecipar tendências, maiores serão as condições para promover equilíbrio operacional e financeiro sem perder de vista a qualidade da assistência oferecida aos beneficiários.

O avanço da inteligência artificial demonstra que o futuro da saúde suplementar será cada vez mais orientado por dados. As operadoras que conseguirem transformar informações em conhecimento terão melhores condições de enfrentar os desafios do setor, aprimorar seus processos e construir modelos de gestão mais sustentáveis.

(*) **Anderson Farias** é CEO da TopSaúde Hub, parte do ecossistema da Interlayers, que é líder

em soluções tecnológicas para a gestão da saúde suplementar, oferecendo uma plataforma especializada para operadoras, administradoras e autogestões de todos os portes.

Fonte: NB Press, em 07.08.2026